

PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO NOS CAMPOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO JORNALÍSTICA: possíveis interfaces

BAZI, Rogério

Doutor pela Universidade de São Paulo;
Mestre pela PUC-Campinas.
rogério.bazi@terra.com.br

RESUMO

Identifica, inicialmente, os parâmetros conceituais da informação na área da Ciência da Informação (C.I.) e como se processa a produção da informação na área da Comunicação - Jornalismo, buscando possíveis semelhanças e diferenças, elaborando, para tal fim, um conjunto teórico de reflexões. Estabelece um genuíno diálogo entre as áreas promovendo a elaboração de conhecimento competente para a intervenção ampla em todos os setores da sociedade contemporânea. O que se discute é como trabalhar com a informação enquanto estruturas significantes, como produtora de conhecimento para a sociedade. A produção, a organização e controle dos estoques de informação, para uso imediato ou futuro, são imprescindíveis para que se efetive a transferência da informação. Compreende-se que a informação deva ser interpretada levando-se em consideração os problemas decorrentes de cada época, sem, é claro, perder de vista sua raiz histórica e a propriedade que a lhe faz original por natureza: geradora de conhecimento e riqueza intelectual. Pode-se dizer que a informação é o conteúdo de uma mensagem e a comunicação é o meio pela qual essa mensagem é divulgada.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Comunicação. Informação.

1 INTRODUÇÃO

O momento atual em que se vive - marcado pelo fenômeno da globalização - é fruto de mudanças rápidas e intensas que aconteceram de forma concentrada nas últimas três décadas. Tais transformações passaram a decidir e mensurar a experiência do homem no universo a que hoje se denomina de pós-modernidade. As mudanças são responsáveis pela configuração do mundo pós-moderno de indivíduos que, até então, não conseguiam alcançar, nem mesmo na esfera do imaginário, o limite mínimo de espaço que ocupavam dentro do planeta. As interações sociais permaneciam reduzidas a um contexto limitado onde se inscreviam as principais fontes de informação, as quais passam agora por uma expansão crescente, difusa e fragmentada.

Nitidamente, o que houve até o pleno estabelecimento da experiência pós-moderna, ou pós-industrial ou Sociedade da Informação, enfim, ao processo definido como posterior à idéia hegemônica da modernidade, foi uma transformação em todos os aspectos da vida contemporânea. Há certa tendência à homogeneização com a globalização, a qual pretende racionalizar as variáveis culturais dos indivíduos a fim de controlar suas reações e atitudes.

Neste panorama, a informação constitui a principal matéria-prima de toda a sociedade e o conhecimento é utilizado na agregação de valor a produtos e serviços.

Caracterizada, então, como área interdisciplinar, conectada à tecnologia da informação e participante ativo na evolução da Sociedade da Informação (Saracevic, 1995), a Ciência da Informação (C.I.) tem por fundamento, em sua vértice estrutural, lidar com a informação como estruturas significantes para criar conhecimento no indivíduo e em sua realidade. O uso da informação como base alimentar de uma cadeia propositiva do conhecimento é um bem simbólico que não se esgota. A fim de superar situações de carência e de escassez “a sociedade organiza seus estoques de informação e estabelece estratégias específicas para colocá-los em ação, para transformá-los em fluxo, tendo em vista um único objetivo: que o sujeito os

capture, promovendo a ação de conhecer” (Kobashi e Tálamo, 2003, p. 9).

O manuseio na produção e uso da informação tem suscitado interesse de algumas áreas, como a Ciência da Informação e a da Comunicação, por exemplo, pois ambas operam com a construção de sentidos e com o sujeito final da informação. No entanto, enquanto a C.I. estuda a informação como processo e construção, indica o canal mais adequado para melhor ofertar a informação ao usuário e tem como natureza principal o conteúdo, a Comunicação interpreta a informação como um processo de troca de mensagens entre o emissor e o receptor, que deve ser rapidamente transmitida e que ainda não possua conhecimento público.

Segundo Oliveira (1998, p.144) [...] as carências técnicas “ [...] podem ser parcialmente resolvidas pela interdisciplinaridade”, entretanto, é preciso ter um domínio da área de pesquisa para poder julgar a conviniência do empréstimo teórico e a articulação entre os campos, entre o que não é específico de um mas comum aos dois.

Ao considerar que as áreas da CI e da Comunicação estabelecem campos de interações, interferências, diferenças e semelhanças, é importante salientar, como fez Braga (2004, p.03) que são nas práticas de pesquisa que ocorrem o direcionamento da construção de uma área. Portanto, o termo interface é mais adequado do que interdisciplinaridade para referir-se às duas áreas que compartilham de informações e conhecimentos afins. Para o autor, interface é uma “ (...) área de tensão e não simplesmente espaço de sobreposição de objetivos e compartilhamentos harmônicos ou panorâmicos de investigação (...)” (p.14).

Têm-se, neste sentido, áreas do conhecimento que, de alguma maneira, utilizam-se de interfaces e que lidam com racionalidades, objetos e objetivos diferenciados. Em comum o fato de que a mensagem pode ser tratada como informação para ser disseminada e transferida.

Nesta perspectiva, o presente artigo identifica, inicialmente, os parâmetros conceituais da informação na área da Ciência da Informação e como se processa a produção da informação na área da Comunicação - especialmente no Jornalismo, buscando possíveis semelhanças e diferenças, elaborando, para tal fim, um conjunto teórico de reflexões para que se possa potencializar a produção da informação para fins de comunicação no âmbito da C.I. Soma-se a isso, a possibilidade de se estabelecer genuíno diálogo entre as áreas promovendo a elaboração de conhecimento competente para a intervenção ampla em todos os setores da sociedade contemporânea.

2 DISCUSSÃO

Base de todo o processo humano, social, político, econômico e cultural, à informação associa-se o conceito de ordem e de redução de incertezas. Esta, quando assimilada adequadamente produz conhecimento, “modifica o estoque mental do homem e traz benefícios ao seu desenvolvimento” como também à sociedade (Barreto, 1994,p.3).

A produção, a organização e controle dos estoques de informação, para uso imediato ou futuro, são imprescindíveis para que se efetive a transferência da informação. Contudo, para que esses estoques (armazenados nos museus, bibliotecas, base de dados, arquivos, etc.) sejam acessados, é preciso que o receptor os ative. Observa-se que as indústrias da informação se desenvolvem a margem das revoluções e do crescimento industrial e utilizam técnicas próprias de redução estrutural de informação, causando diminuição semiótica do conteúdo e da competência das estruturas em gerar informação.

De fato, como argumenta Barreto (1994,p.8), o discurso da informação “independente do seu vestimento tecnológico, utiliza um código comum, a linguagem, e um canal de comunicação adequado e, apesar de seu poder de convencimento e de sua promessa de verdade, o discurso somente particulariza a informação”.

No que se refere ao conceito, Buckland (1991) sugere três principais usos da palavra informação: a) informação como processo: corresponde ao ato de informar; quando alguém é informado, o que se sabe é modificado; b) Informação como conhecimento: corresponde ao conhecimento comunicado a respeito de algo; denota aquilo que é percebido em informação como processo; e, c) Informação como coisa: é usada para designar objetos, bem como dados e documentos, porque são considerados informativos.

O processo de informar-se poderia ser considerado como uma espécie de processamento da informação. Buckland (1991), porém, distingue a informação como processo mental - informação como processo - do processamento de informação. O processo mediante o qual o sujeito transforma informação objetiva em informação subjetiva depende de várias conexões cognitivas, pois o indivíduo utiliza dados da própria experiência, obtidos do meio ambiente com o auxílio da observação e dados obtidos por meio de fontes documentais, para finalmente atribuir significado aos conteúdos e gerar informação.

Já uma propriedade da “informação como conhecimento” é a intangibilidade. Não pode ser tocada ou medida em sua essência. Conhecimento, crença, opinião, por exemplo, refere-se ao sujeito, algo subjetivo e conceitual. Para comunicá-los, eles devem ser expressos, descritos ou representados de alguma forma física, como um

sinal, texto ou comunicação.

Com a expansão da tecnologia da informação, a palavra informação passou a ser utilizada para referenciar comunicações, banco de dados, livros e similares, causando, de certo modo, tensão, uma vez que os símbolos e os objetos simbólicos são facilmente confundidos com o que os símbolos denotam. Assim, “informação como coisa”, esclarece seu significado em relação a outros usos do termo “informação” e pode ser interpretada ao trazer unificação teórica à campos heterogêneos e desordenados.

Se por um lado o conhecimento e a “informação como conhecimento” são intangíveis, a “informação como coisa” é tangível. O que se pode tocar ou medir diretamente não é conhecimento, mas alguma coisa física, possivelmente “informação como coisa”. Apesar de o conhecimento poder ser representado no cérebro, de alguma forma tangível, física, Buckland (1991) considera importante e útil tratar o conhecimento na mente como significativamente diferente das armazenagens artificiais da informação.

A visão de Buckland (1991) sobre informação, apesar de retomar as origens das atividades clássicas desenvolvidas pelos bibliotecários e documentalistas, desconsidera a construção social dos processos informativos, como um componente essencial da constituição das necessidades dos sujeitos, dos arquivos de conhecimentos e dos esquemas de produção, transmissão, distribuição e consumo.

A compreensão de informação no contexto da orientação social, entretanto, pode ser contemporarizada de maneira diferente. A informação só pode ser entendida considerando os processos socioculturais envolvidos. É tratada como um conceito subjetivo, não priorizando um senso individual. Hjørland (2003) argumenta que a informação encontra-se inserida no estudo das relações entre os discursos, campos de conhecimento e documentos em relação às possíveis perspectivas ou pontos de acesso reconhecidos pelas distintas comunidades de usuários.

Albrechtsen e Hjørland (1995) ressaltam a questão do valor informativo dentro de um domínio, em que diferentes objetos são apresentados como um estado informativo relativo à divisão social do trabalho. Para os pesquisadores, os sujeitos possuem diferentes bases educacionais e desenvolve diferentes papéis na divisão do trabalho na sociedade, interferindo na constituição das necessidades dos sujeitos. A informação pode ser identificada, descrita, e representada nos sistemas de informação em domínios do conhecimento, e como diferentes domínios apresentam paradigmas conflitantes. Os conflitos de um domínio podem determinar se uma coisa é informativa ou não. Ressalta-se também que a visão da orientação social não enfatiza as questões

cognitivas com base em um sistema tecnológico, e abandonam a busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento.

O termo informação, na visão de Capurro e Hjørland (2003), deve considerar os indivíduos, a cultura, a subjetividade e a interpretação. No processo de recuperação da informação, o usuário é visto como um dos atores principais, pois manifesta seu interesse e seu conhecimento prévio, conectado a redes sociais.

Por sua vez, Le Coadic (1996,p.5) diz que informação é o produto do processo de comunicação, “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. Ainda sob o manto conceitual do autor, a informação é um significado transmitido aos indivíduos “por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal (...)”, através de um sistema de signos, significante e significado.

O quadro 1, abaixo, exemplifica sinteticamente como a área da Ciência da Informação interpreta o termo informação:

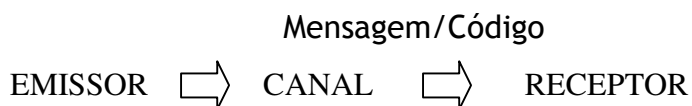
QUADRO 1-

QUADRO ANALÍTICO-INTERPRETATIVO DA INFORMAÇÃO-CI			
Ação	Reduz incerteza	Gerenciada	Armazenada
Territorializada	Insumo do conhecimento	Pública e privada	Transportada
Seletiva	Estratégica (custo, preço, valor)	Estocada	Recuperada
Disseminada	Registrada	Medida e quantificada	Qualificada
Estrutura resultante de um processo de elaboração (significantes)			

Foi possível observar até o presente exposto, então, que o conceito do termo informação, associado à Ciência da Informação, carrega consigo a fundamental importância de entender a informação como uma inscrição sociocultural de caráter conteudista, admitindo todos os processos envolvidos para se firmar como tal.

No entanto, o vocábulo, em outras áreas do conhecimento, pode ser diferentemente interpretado. Na Comunicaçãoⁱ, por exemplo, é considerado notícia ou mensagem. A informação é frequentemente reescrita, condensada e traduzida para ser publicada (disseminada) à grande massa. A notícia, do ponto de vista estrutural, pode ser considerada como o “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 1998,p.16).

O modelo elementar da comunicação explica o processo pelo qual a mensagem ou notícia é transmitida:



A mensagem é gerada pelo emissor, codificada e, através do canal, permeado com códigos, chega ao receptor. Ressalta-se que o emissor, para a comunicação, em especial a jornalística, é um codificador dotado de critérios editoriais, políticos, econômicos e sociais e especificidades próprias, com competência para intervir na mensagem; o receptor é plural, indefinido e atuante no processo social em que se encontra (LAGE, 1998).

Entretanto, é salutar registrar, que ao designar a Comunicação por um conjunto de meios de informação, Rodrigues (1994, p.19) argumenta que pode-se confundir o domínio da informação com a experiência comunicacional. “Mas, à medida que a esfera informativa se autonomiza das restantes esferas da experiência, atingindo, como hoje, um alcance planetário, vai-se tornando cada vez mais evidente que a informação é realmente uma dimensão diferente das restantes dimensões da experiência”.

A esfera da informação é uma realidade relativa que compreende o conjunto de acontecimentos e teoricamente medida pelo cálculo de probabilidades; já a dimensão comunicacional é um processo que ocorre entre pessoas dotadas de razão e de liberdade e é dotado de relativa previsibilidade, possui valores que colocam em questão as preferências, desejos dos sujeitos. A informação pertence à esfera da transmissão (emissor-destinatário), enquanto a comunicação é intersubjetiva, nasce na experiência particular e singular dos indivíduos. A ênfase da comunicação humana está centrada intimamente nas trocas que se estabelecem entre as pessoas (estímulo-resposta). “A comunicação não é um produto, mas um processo de troca simbólica generalizada”, complementa (RODRIGUES,1994,p.22).

A Teoria Matemática da comunicação, conhecida também com teoria da informação, proposta pelos engenheiros Claude Shannon e Warren Weaver, em 1949,

revelou com clareza e compreensão uma teoria de rendimento informacional (Wolf,1999). Considerou a comunicação um problema matemático embasado na estatística, nas características morfológicas da mensagem ou sinal e na nitidez da transmissão. A natureza semântica da mensagem não foi motivo de preocupação dos autores. Shannon e Weaver, segundo Polistchuk e Trinta (2003,p.103), “pressupõem que haja sentido (informação orientada) em uma mensagem. Bastará que se aperfeiçoe a codificação para que aumente a propriedade semântica da mensagem (...)”.

O modelo de Shanon-Weaver propõe que toda a transferência de informação deva incluir seis elementos:

- 1) Uma fonte geradora
- 2) Um codificador
- 3) Uma mensagem
- 4) Um canal
- 5) Um decodificador
- 6) Um receptor

Segundo Barreto (2005, p.5-6) é importante conhecer as funções dos atos de interação humana entre gerador e receptor. O ato se efetiva quando um emissor ou remetente envia uma informação a um destinatário ou receptor. Para existir de forma eficaz, a informação necessita de um contexto de referência que precisa ser acessível ao receptor. Este contexto deve ser verbal ou passível de ser verbalizado. É necessário ainda um código, total ou parcialmente comum, ao emissor e ao receptor, e, finalmente, um contato, isto é, um canal físico e uma conexão psicológica entre o emissor e o receptor que os capacitem a entrar e a permanecer em contato. Na Comunicação, o gerador é na maioria das vezes uma instituição ou um grupo e o receptor é um grande aglomerado de gente, uma “*massa*”, o público, um todo que se quer homogêneo. Existe uma relação de impessoalidade entre os atores do início e do final da cadeia de eventos. A mensagem é uma decorrência do canal e quando colocada na ponta inicial fatalmente vai sair na outra para ser assimilada ou não pelo receptor. A (in)tenção é que alcance um maior público comum que a entenda.

Portanto, “a comunicação transfere mensagens para atingir um maior público homogêneo com a intenção de propagar idéias, moldar e influenciar a sua opinião e entreter” (BARRETO, 2005, p.7).

Genro Filho (1996, p. 5) diz que as informações que circulam entre os indivíduos na comunicação cotidiana apresentam, normalmente, uma cristalização que oscila entre a singularidade e a particularidade. A singularidade se manifesta na atmosfera cultural de uma “imediatez compartilhada, uma experiência vivida de

modo mais ou menos direto”. A particularidade se propõe no contexto de uma atmosfera subjetiva mais abstrata no interior da cultura, a partir de pressupostos universais geralmente implícitos, mas de qualquer modo naturalmente constituídos na atividade social.

No que se refere à produção da informação no campo da comunicação jornalística, têm-se na presença do *gatekeeping*, ou seja, o processo pelo qual as informações passam por uma série de decisões, filtros (*gates*) até chegarem ao destinatário ou consumidor final da informação, uma importante contribuição para entender o termo informação, uma vez que o processo de recuperação do estoque gerado pelos *gates* se constitui em matéria-prima essencial do conhecimento.

Assim, Wolf (1999) expôs que o conceito de *gatekeeper* (selecionador) foi elaborado pelo psicólogo social Kurt Lewin, num estudo de 1947, sobre as dinâmicas domésticas quanto aos problemas ligados à modificação dos hábitos alimentares. Lewin (1947 apud Wolf, 1999:180) identificou os canais por onde fluía a seqüência de comportamentos de um determinado tema e notou que existiam zonas que funcionavam como cancelas. “O conjunto das forças antes e depois da zona de filtro, é decididamente diferente de tal forma que a passagem ou bloqueio, da unidade através de todo o canal, depende, em grande medida, do que acontece na zona de filtro”. Isso não só acontece com canais de alimentação, mas também com a seqüência de uma informação, dada através dos canais comunicativos.

No entanto, foi White apud Wolf (1999) que aplicou o conceito à comunicação jornalística. Através de um estudo de caso, o autor observou o trabalho produtivo de *Mr. Gates*, um jornalista de 25 anos de atividade na cidade de Midwest (EUA), com 100 mil habitantes, cuja função era selecionar, entre a vasta quantidade de despachos das agências de notícias, o que deveria ser publicado. O trabalho de White revelou que *Mr. Gates* costumava fazer anotações do material recebido de forma subjetiva. De 1333 explicações para a recusa de uma notícia, perto de 800 foram atribuídas à falta de espaço e 300 referiam-se à sobreposição de assunto ou à falta de interesse jornalístico. Outras 76 notícias, de acordo com *Mr. Gates* eram de áreas afastadas da linha editorial do jornal e, assim, desprovidas de interesse público (Wolf, 1999).

Dessa maneira, White (1993) considera que o processo do *gatekeeper*, além de ser subjetivo, é arbitrário e as decisões dependem muito mais de juízos de valores baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do próprio selecionador.

Compreende-se, portanto, que a recuperação da informação e sua busca só se completam se ativadas por usuários. Nesse caso, o procedimento da recuperação se torna inócua já que o estoque não foi registrado em bases de dados e indexado.

O quadro 2, abaixo, traz, sinteticamente, a interpretação da informação para a área da Comunicação- Jornalismo.

QUADRO 2-

QUADRO SINTÉTICO ANALÍTICO-INTERPRETATIVO DA INFORMAÇÃO-COMUNICAÇÃO			
Mensagem	Notícia	Filtrada	Estruturada
Fato	Transferida rapidamente	Organizada	Necessita de canal

O que se observa no presente exposto é que a informação, de maneira irrestrita no campo da Comunicação- Jornalismo- é suscetível de ser compreendida como mensagem, fato, notícia, deve ser transferida rapidamente, filtrada, organizada, estruturada e necessita de um canal para ser transferida.

Não se pôde observar até o momento registros conceituais mais contundentes de sua gênese. Argumenta-se, contudo que a comunicação pode ser interpretada como parte de um processo de transferência de informação e, a informação, por sua vez, carrega consigo conteúdos capazes de alterar a estrutura cognitiva dos indivíduos.

Assim, à guisa de finalização Stumpf e Weber (2003, p. 131-133) propõem três hipóteses sobre os conflitos, convergências e diferenças entre Comunicação e Informação, que, na essência, coincidem com o analisado até o momento:

Dependência: “refere-se à dependência científica da comunicação em relação à informação, na medida que a rapidez, quantidade e os diferentes formatos de material midiático, essencial à produção do conhecimento na comunicação, necessitam de armanejamento, recuperação e acessibilidade”;

Mediação: no tocante à Informação, “há um processo permanente de mediação entre a informação gerada pelos registros sobre a realidade e a dos sujeitos que a elas terão acesso”. Já na Comunicação, “o processo de mediação é sua própria essência, identificável nos movimentos contínuos de apreensão e representação da realidade disponibilizada por meio de mídias, linguagens e técnicas jornalísticas, publicitárias e promocionais”;

Intervenção: “ambos os campos são determinantes na constituição de saberes de todas as outras áreas do conhecimento. Entende-se que a disponibilização de informações e o respectivo acesso ao espaço é indicador de formação cultural e

educacional”.

As autoras salientam, no entanto, que tais hipóteses são identificáveis e fronteiriças em ambas as áreas, mas, “a grande diferença reside na dimensão persuasiva inerente ao fazer comunicativo e inexistente na área da Ciência da Informação” (p.133).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Informação, então, é uma palavra de difícil definição e apresenta diferentes sentidos e conceitos de acordo com a área do conhecimento a qual está relacionada, mantendo correlação com todas elas. Em publicações especializadas é comum encontrar novas expressões e/ou aspectos incorporadas ao termo informação. Isto não significa que não se tenha parâmetros gerais ou conceitos dominantes.

Assim, enquanto a Ciência da Informação (CI) entende a informação como um registro, capaz de gerar conhecimento através de estruturas significantes e, a recuperação dessa informação se efetiva a partir de conteúdos originais, o campo da Comunicação, em especial o Jornalismo, interpreta a informação como fato, notícia para a elaboração de registros com a finalidade de formar opinião, sem, necessariamente, ter mecanismos de recuperação da informação. Nota-se, ainda, que é no jornalismo que se encontra uma das formas de disseminação da informação, uma mídia importante de divulgação, mas não necessariamente de geração de conhecimento.

A recuperação da informação, portanto, é um problema central dos dois campos teóricos. O uso do Tesouro (linguagem documentária que representa de forma normalizada os conceitos de uma área específica através de termos que se manifestam em estruturas lógico-semânticas) como instrumento de recuperação da informação na CI envolve procedimento semelhante ao utilizado para tradução de conceitos. É necessário indexar a questão do usuário da informação, ou seja, traduzir a linguagem deste numa linguagem do sistema de informação, segundo os padrões conceituais do Tesouro. Na comunicação não há, até onde se pôde observar, sistemas de recuperação da informação, uma vez que a informação é distribuída à grande massa, a partir de procedimentos comerciais e industriais.

Tentou-se estabelecer um conjunto genuíno de dados capazes de auxiliar, mesmo que preliminarmente, os estudos sobre o vocábulo informação, como também fornecer elementos mais sólidos aos pesquisadores interessados no assunto. Compreende-se, contudo, a informação deva ser interpretada levando-se em consideração os problemas decorrentes de cada época, sem, é claro, perder de vista

sua raiz histórica e a propriedade que a lhe faz original por natureza: geradora de conhecimento e riqueza intelectual. À luz da interpretação, pode-se dizer, então, que a informação é o conteúdo de uma mensagem e a comunicação é o meio pela qual essa mensagem é divulgada.

Por fim, é importante registrar há necessidade de se estabelecer uma relação de verdadeira interface entre as áreas da C.I. e da Comunicação - Jornalismo-, para que se possa compreender, em profundidade plena, o processo da produção da informação em ambas, tendo como resultado final a geração do conhecimento.

ABSTRACT

This paper identifies, initially, conceptual parameters of information in the Information Science area and how production of information is processed in the Communication-Journalism area, searching possible similarities and differences, as it is elaborated to do so, a theoretical group of thoughts. It also establishes a genuine dialogue between these areas promoting the elaboration of competent knowledge for wide intervention in all sectors of contemporary society. The core of the discussion is how to work with information as significant structures, as knowledge producer for the society. The production, organization and information stock control, to be used immediately or in the future, are indispensable for the effective transfer of information. We understand that information should be interpreted considering the problems of the actual time, without, of course, ignoring the historical root and the characteristic that makes it original by nature: to be producer of knowledge and intellectual content. It is also true that information is the content of a message and communication is the way this message is transmitted.

Keywords: Information Science, Communication, Information.

RESUMEN

Identifica, inicialmente, los parámetros conceptuales de la información en el área de Ciencia de la Información, (CI) y como se procesa la producción de información en el área de Comunicación - Periodismo, buscando posibles semejanzas y diferencias, elaborando para ello, un conjunto teórico de reflexiones. Establece un diálogo genuino entre las áreas promoviendo la elaboración de conocimiento competente para la intervención amplia en todos los sectores de la sociedad contemporánea.

Lo que se discute es como trabajar con la información como estructuras significantes, como productora de conocimientos para la sociedad. La producción, la organización, para uso inmediato o futuro, son imprescindibles para que se haga efectiva la transferencia de información. Se entiende que la información deba ser interpretada llevándose en consideración los problemas actuales de cada época, sin perder de vista,

claro, su raíz histórica y la propiedad que la hace original por naturaleza: generadora de conocimiento y riqueza intelectual. Se puede decir que la información es el contenido de un mensaje y la comunicación es el medio por el cual ese mensaje es divulgado.

Palabras claves: Ciencia de la Información, Comunicación, Información.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHTSEN, H.; HJØRLAND, B. Toward a new horizon in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*. Washington, v. 46, n. 6, p. 400-425, 1995.
- BARRETO, A. de A. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 8, n.4, p. 03-08, 1994.
- BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. *Contracampo*. Rio de Janeiro, v. 10/11, n. 2004/2, p. 219-235, 2004.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for information science (JASIS)*, v. 45, n.5, p.351-360, 1991.
- CAPURRO, R., HJØRLAND, B. The concept of information. In: *Annual Review of Information Science and Technology*. v. 37, p.343-411, 2003.
- FRANÇA, V. V. O objeto da Comunicação. A Comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes. p.39-60.2001, .
- HJØRLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. *Knowlegde Organization, Wurzburg*. v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.
- KOBASHI, Nair Y. TÁLAMO, Maria de Fátima G.M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. *TransInformação*. Puc-Campinas: Campinas, v15, Edição Especial, set/dez, p.7-22. 2003.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- LE COADIC, Y. F. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos. 1996.
- MARTINO, L. C. De qual Comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes. p.11-26.2001.
- OLIVEIRA, M. de. *A investigação científica na Ciência de Informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq*. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- POLISTCHUK, I., TRINTA, A. R.. *Teorias da Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- RODRIGUES, A. D. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença, 1994.
- SARACEVIC, T. Interdisciplinarity nature on Information Science. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n.1, p. 41-49, 1995.

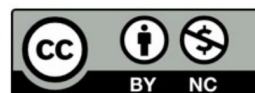
STUMPF, Ida Regina; WEBER, Maria Helena. Comunicação e Informação: conflitos e convergências. IN: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Loyola, 2003. P. 129-134.

WHITE, D. M. O gatekeeper. Uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, N.(org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja.1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 5ª ed., 1999.

ⁱ França (2001, p 41) argumenta que a Comunicação é um “processo social básico de produção e partilhamento de sentido através da materialização de formas simbólicas”. Martino (2001) a considera um produto de um encontro social, da transmissão de idéias, informações e mensagens.

Copyright (c) 2008 Autor(es) / Copyright (c) 2008 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in
research, educational and non-commercial activities.



Selo CC-BY-NC com Direito Autoral_2008